

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL-UFRGS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO DE
PRIVADOS DE LIBERDADE

SUSANA LEAL DOS SANTOS

QUANDO ALFABETIZAR VAI ALÉM DO LER E ESCREVER

Porto Alegre, junho de 2011.

SUSANA LEAL DOS SANTOS

QUANDO ALFABETIZAR VAI ALÉM DO LER E ESCREVER

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, no segundo semestre de 2011.

Orientadora: Professora Miriam Lemos

Porto Alegre, junho de 2011.

Desconfiei do mais trivial
Na aparência singela
E examinei, sobretudo,
O que aparece habitual
Suplicamos expressamente:
Não aceitem o que é de hábito
Como coisa natural,
Pois em tempo de desordem
Sangrenta,
De confusão organizada,
De arbitrariedade consciente,
De humanidade desumanizada,
Nada deve parecer natural,
Nada deve parecer impossível
De mudar.

Bertold Brecht

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado força, coragem e determinação, o que possibilitou que eu chegasse até aqui.

Ao meu filho Gabriel e à minha filha Isadora e, principalmente, ao meu marido Gilmar, pela força, carinho e compreensão quanto às minhas ausências.

Agradeço, também, à minha Orientadora, Miriam Lemos, pela dedicação e profissionalismo.

Deixo, também, os meus agradecimentos aos alunos, por mostrarem-se dispostos a aprender e dividir suas experiências de vida.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos Educandos	18
---------------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Foto do pátio da Escola e a Guajuviras	7
Figuras 2 e 3 – Fotos do pátio da Escola	8
Figuras 4 e 5 – Área da acessibilidade.....	8
Figura 6 - Gráfico do sexo dos estudantes.....	19
Figura 7 - Gráfico da idade dos educandos	19
Figura 8 - Gráfico do estado civil	20
Figura 9 - Gráfico da raça/cor/etnia.....	20
Figura 10 - Gráfico da profissão.....	21
Figura 11- Gráfico se estudaram antes	21
Figura 12 - Gráfico da região de origem	22
Quadro comparativo n. 1 - O que é ler?.....	26
Quadro comparativo n. 2 – O que é escrever?.....	26

SUMARIO

INTRODUÇÃO	6
1 CONTEXTO	6
1.1 TEMÁTICA CENTRAL	9
1.2 JUSTIFICATIVA	10
1.3 PROBLEMATIZAÇÃO	12
1.4 OBJETIVO	13
2 METODOLOGIA	14
3 RESULTADOS	15
3.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NAS ENTREVISTAS	25
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXO B – TRABALHO DOS ALUNOS	38
ANEXO C – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA ESCOLA E DOS ALUNOS	40
ANEXO D – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS ALUNOS	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como enfoque principal a Educação de Jovens e Adultos, ou seja, o conjunto de processos de aprendizagens, formais ou não formais, graças às quais as pessoas adultas desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas competências técnicas ou profissionais a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade. Esta pesquisa foi realizada na escola municipal Guajuviras em Canoas, com uma classe de alfabetização de Jovens e Adultos na qual sou professora.

O interesse pelo tema em questão surgiu a partir do contato profissional com a Alfabetização de Jovens e Adultos.

Uma vez que estes atribuem em suas falas o conceito, de que a leitura e a escrita é sem sombra de dúvidas de muita importância para suas vidas, verifiquei que mesmo assim a infrequência destes alunos era muito significativa, chegando a prejudicar o processo de aprendizagem. Diante da temática a que me proponho, busco elucidar as seguintes questões:

- Qual a real importância que estes alunos fazem da leitura e da escrita.
- Conhecer o que significa, para eles, aprender a ler e escrever.
- Compreender a real concepção que o adulto da EJA tem sobre leitura e escrita.
- Verificar, com eles, as possíveis mudanças que este processo acarretará em suas vidas.

A finalidade deste trabalho, também, é contribuir para um repensar, como educadora atuante na classe de EJA, fazendo-me refletir sobre essa prática pedagógica, principalmente no que diz respeito ao meu papel como formadora de cidadãos conscientes do papel que exercem na sociedade.

1 CONTEXTO

Na busca de uma escola para a realização da minha pesquisa, optei pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Guajuviras, localizada na Rua 2, Área Verde 1, setor 1, nº. 577, no Bairro Guajuviras, em Canoas.

A escola tem o nome de Guajuviras, uma árvore de grande porte, da família das Borrigináceas (Patagonula Americana) que fornece excelente madeira pesada, preta no centro e dura, mas fácil de trabalhar, muito resistente à deterioração, mesmo submersa na água ou

enterrada no solo. Encontrada no Rio Grande do Sul até o Estado de São Paulo, também na Argentina e Uruguai. É inerente à floresta fluvial cresce com relativa rapidez, floresce em setembro-outubro.



Figura 1 – Foto do pátio da Escola e a Guajuviras

Nome dado também ao Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, local onde se situa a Escola e no qual foi ocupado em 19 de abril de 1987, área de uma antiga fazenda onde predomina a espécie.

Designação dada à Escola Municipal que abriu seus portões em 1 de julho de 1987, para 1200 crianças matriculadas de 1 a 4 séries do Ensino Fundamental, com o decreto de criação n 23 de 11/01/88 e sob a Portaria de autorização e Funcionamento n 4118, de 25/04/88.

A escola Guajuviras abriu suas portas em caráter emergencial para atender as crianças na faixa etária de 7 a 14 anos de idade, moradores do Conjunto Habitacional até então ocupado e necessitando de uma total infra-estrutura. Mais tarde, em 1999, passa a atender os alunos de 5ª a 8ª séries e inicia, neste ano também, a Modalidade EJA, à noite, até então chamado Projeto VEJA (Valorizando a Educação de Jovens e Adultos), de 1ª a 4ª séries (etapas 1, 2, 3 e 4). Alterando assim, seu nome para Escola municipal de Ensino Fundamental Guajuviras, quando passa a atender alunos de 1ª a 8ª séries, sob o Decreto de Alteração e Denominação n°. 320, na data de 24/06/99.

A Escola conta hoje também com a EJA, no turno da noite, sendo Alfabetização, Pós Alfabetização, Primeiro Segmento, Segundo Segmento. A escola está localizada no residencial Ildo Meneghetti, mais conhecido como Bairro Guajuviras, área ocupada na década de 80 e que ainda hoje, continua com algumas ocupações, agora em espaços antes designados como “áreas verdes”, onde se observa crescente número de moradores muitos dos quais sem serviços básicos, como água, luz, esgoto, etc.

Na busca por melhores condições de vida e de segurança, as famílias mudam-se com muita frequência, ocasionando grande número de transferências e alto índice de evasão.

A escola está situada numa larga rua e tem seu terreno com uma geografia diferenciada, apresentando grande desnível entre a primeira e última sala de aula, com duas largas escadarias entre as mesmas.



Figuras 2 e 3 – Fotos do pátio da Escola

Entre esses espaços, grande quantidade de árvores, em torno de cem, oferecem sombra o ano todo e flores na primavera.

Do corpo docente, formado por 62 professores, 46% possuem pós-graduação, 40% graduação, 6% são graduandos e 8% possuem nível médio. Desses, 07 moram no bairro, 35 noutros bairros da cidade e 20 em outros municípios, evidenciando um olhar externo ao cotidiano do bairro. Todos os 07 funcionários são moradores do bairro, sendo bons conhecedores da história local e seus moradores.



Figuras 4 e 5 – Área da acessibilidade

A pesquisa com o corpo discente revela que a maioria dos alunos tem como responsáveis pai e mãe seguidos por aqueles que vivem somente com as mães.

A renda média dessas famílias é de um salário mínimo e meio, sendo normalmente compostas por 05 ou mais pessoas. A grande maioria possui somente o ensino fundamental.

Aqueles que moram nos lotes regulares possuem saneamento básico e alguns ocupantes agora começam a ter suas residências atendidas. Um número inexpressivo de alunos tem acesso à internet e se deslocam a pé para a escola.

De um modo geral os alunos não trabalham nem realizam cursos no turno inverso ao da escola, ficando em casa com seus familiares. Ficou claro também que os mesmos não possuem horário de estudo definido e nem acompanhamento da família nas atividades escolares.

Os pais e alunos revelam que vêem a escola como sendo um lugar de aprendizagem e garantia de um futuro melhor. Consideram que é um local onde o aluno pode crescer e ser um cidadão de respeito, onde possa construir uma vida digna como ser humano e profissional. Escola é lugar de amor e paz, alegria e motivação onde se descobre coisas novas, o melhor lugar depois da casa.

A Escola tem como filosofia, Contribuir no crescimento do indivíduo através de um processo coletivo de reflexão, criação, criticidade e ação, como sujeito capaz de transformar o seu meio e estabelecer relações de reciprocidade, fazer cultura e história.

A unidade de pesquisa neste estudo de caso trata-se de uma turma de alfabetização deste Estabelecimento de Ensino na qual sou professora.

A partir do mapeamento feito, através de conversas (escritos e relatos) com estes alunos, foi possível perceber a realidade socioeconômica e cultural destes, como sendo: trabalhadores com renda familiar baixa; aposentados que sustentam filhos e netos com seus salários da aposentadoria e possuem condições de vida precária; problemas de saúde e sérios comprometimentos neurológicos através de doenças desde a infância, suas complicações e também acidentes que resultaram seqüelas.

Também fazem parte desta realidade, jovens envolvidos com drogas, alguns com passagem pela FASE; trabalhadores que lutam com muita dificuldade para sobreviverem; pedreiros; cozinheiras; diaristas; catadores; marceneiros; e comerciantes.

A maioria são moradores do bairro, que acompanharam a trajetória de luta pela ocupação do Conjunto Habitacional.

1.1 TEMÁTICA CENTRAL

Significados e significações da leitura e da escrita na alfabetização de jovens e adultos.

1.2 JUSTIFICATIVA

O analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta. Segundo Gadotti (2001), o educador precisa respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Ele precisa fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irá trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito e o saber popular).

Para alguns países europeus o alfabetismo funcional ocorre por volta dos oito anos de escolaridade. No Brasil, é considerada alfabetizada funcional a pessoa que tiver mais de quatro anos de escolaridade. A ONG Ação Educativa, integrada a essa discussão, coloca que: “É considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida”. (2003, p.04). E completa:

Primeiramente, devemos considerar a necessidade de consolidar alfabetização funcional dos indivíduos, pois estudos atuais indicam que é preciso uma escolaridade mais prolongada para se formar usuários da linguagem escrita capazes de fazer dela múltiplos usos, com o objetivo de expressar a própria subjetividade, buscar informação, planejar e controlar processos e aprender novos conteúdos nos corpos de conhecimento (RIBEIRO, 1999).

Por isso acredito que o desafio do professor é o de promover a descoberta e utilização da escrita como instrumento de reflexão sobre o próprio pensamento, como recurso para organizar e reorganizar o próprio conhecimento, em vez de manter os alunos na crença de que a escrita é somente um meio para reproduzir passivamente, ou para resumir sem reinterpretar o pensamento dos outros.

É forçoso considerar os requisitos formativos cada vez mais complexos para o exercício de uma cidadania plena, as exigências crescentes por qualificações de um mercado de trabalho excludente e seletivo e as demandas culturais peculiares a cada subgrupo etário, de gênero, étnico racial, socioeconômico, religioso ou ocupacional (2001, p.70).

Ler sobre a educação de adultos não é o suficiente. É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a alfabetização ou a aquisição de novos conhecimentos que tenha sentido.

Segundo Charlot (2003, p.38):

[...] quanto mais significativo for o que está sendo ensinado, mais o aluno se põe em movimento, se mobiliza para relacionar-se com a vida escolar precisa-se apresentar de forma significativa, prazerosa, para merecer o esforço intelectual dos alunos quanto ao fato de se apropriarem de diversas porções de saberes produzidos pela humanidade. Para o adulto faz-se necessário o uso social da leitura e da escrita em seu dia a dia, de forma coerente, reflexiva e inventiva.

O mundo está cada vez mais centrado na escrita. No entanto, no Brasil, já uma grande parcela da população não está apta para lidar com as mais variadas situações de leitura que a vida cotidiana apresenta. De acordo com levantamento realizado em 2007, pelo Instituto Pró-Livro, o Brasil possui um contingente de 77 milhões de não leitores. Além disso, o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), em 2008, constatou que 4,8 milhões de brasileiros avaliados, mal compreendem o que estão lendo, o que conferiu o último lugar, entre os 32 países inscritos.

Crescem as demandas por práticas de leitura e de escrita, não só na chamada cultura do papel, mas também na cultura da tela, que surgiu com as novas tecnologias e que, ao contrário do que se pensa, utilizam-se fundamentalmente da leitura e da escrita. Nas sociedades letradas ser alfabetizado é insuficiente para vivenciar plenamente a cultura escrita.

É preciso alfabetizar letrando. Hoje, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a um cidadão interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso, além de decodificar sons e letras, interpretar e entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos (SOARES, 2003).

A escola é responsável pela formação integral dos alunos. Ela tem a função de preparar para a vida, de contribuir para a formação de sujeitos críticos e autônomos que façam a diferença, que sejam capazes de transformar a sociedade. A escola precisa se preocupar com a socialização dos alunos, fazendo com que eles aprendam regras de convivência e desenvolvam também consciência crítica.

Assim, cabe considerar que, enquanto as instituições escolares insistirem na idéia metodológica e ideológica de transmitir conhecimentos, não se formarão leitores críticos e autônomos que saibam ler o mundo atual. Sobre esse aspecto, Demo (2007, p.91) faz a seguinte ponderação:

Não basta transitar pela formação. O fundamental é saber transformar informações em conhecimento próprio através de procedimentos adequados de aprendizagem. Que a aprendizagem virtual vai se impor e dominar o cenário futuro, não há escapatória. Cumpre, pois, também a escola educar as novas gerações para usar bem a nova mídia.

Dessa forma, o sujeito se vê inserido num contexto para o qual Charlot (2000) afirma que isso significa:

[...] ver-se submetido à obrigação de aprender. Aprender para construir-se em um triplo processo de “hominização”, de singularização, de socialização. Aprender para viver com os outros homens com quem o mundo é compartilhado. Nascer, aprender é estar em um conjunto de relações de processos que constituem um sistema de sentidos, onde se diz quem eu sou, que é mundo, quem são os outros (CHARLOT, 2003, p.53).

Pensando que os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego), e que elas estão na raiz do problema do analfabetismo, o desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o seu processo de alfabetização.

Percebi a necessidade de estudar e analisar como esse processo se constrói no conceito do jovem e adulto. O quanto o seu “querer aprender” é realmente verdadeiro, ao ponto de buscar melhorar a sua condição de vida e de seus familiares, e o quanto ele acredita nisso para que isso seja também suficiente para ele continuar nos bancos escolares assim como possuir uma boa frequência.

1.3 PROBLEMATIZAÇÃO

Jovens e adultos: a busca de uma relação com os saberes do mundo letrado.

Este trabalho situa questões referentes à intencionalidade dos sujeitos jovens e adultos ao procurarem a escolarização: busca a constituição de uma relação com o saber, e o que esta traz de modificações em suas vidas uma vez que vivem numa sociedade que valoriza práticas de uso da escrita e do conhecimento sistematizado.

Além de traçar o perfil dos educandos participantes do projeto, proponho verificar e caracterizar os impactos do processo educativo:

1. Tanto no seu cotidiano como nas práticas que envolvem esta esfera de suas vidas.
2. As concepções manifestas por eles sobre a função da aquisição da leitura e da escrita.
3. O que estas representam para cada um. Bem como, contextualizar e dialogar com autores a importância desse processo como reintegração social do indivíduo de uma forma mais humana e independente no contexto social. Trazendo para estes uma melhor qualidade de vida.

Como professora alfabetizadora, percebo no dia a dia uma grande dificuldade nos alunos em situar “importâncias” que o aprender têm em suas vidas, isto é, por que realmente eles precisam estudar e aprender. E esta conversa faz-se necessária diariamente, mesmo às vezes camuflada em relatos de vidas em contextos de conflitos familiares. Percebo que preciso estar sempre pontuando para cada um, dentro da sua realidade familiar, o que o estudo, o aprender a ler e escrever trará de bom no seu cotidiano.

Percebo que, para eles, é muito importante também, estarem juntos comigo, na sala de aula e tendo “alguém que os escute e aconselhe”. Isso se percebe claramente quando eles relatam que combinaram de ninguém passar de ano para não mudar de professora, afirmando também que, nas avaliações escritas, não farão nada, para que assim possam permanecer comigo no próximo ano.

Daí a necessidade de contra pontuar com eles sobre medos e acomodações, os quais refletirão negativamente para suas vidas.

1.4 OBJETIVO

Conhecer os diferentes significados, necessidades, prioridades, interesses no cotidiano de cada aluno na concepção de leitura e escrita não apenas como decodificação, mas com relação ao mundo.

2 METODOLOGIA

Como metodologia foi utilizada, dentro da abordagem qualitativa, o estudo de caso. O objeto de estudo de caso, por seu turno, é a análise profunda de uma unidade de estudo. No entender de Godoy (1996, p.25), o estudo de caso “visa o exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação em particular”.

Para este trabalho, a unidade de estudo foi uma turma de alfabetização no qual os participantes da pesquisa estão matriculados. Estes foram escolhidos de forma aleatória, sendo 17 matriculados e 13 frequentando a escola.

Participaram da pesquisa 11 educando que freqüentam a EMEF, no período de 2010 a 2011, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Os educandos que participaram da pesquisa estão matriculados na turma de alfabetização sendo 17 matriculados, mas somente 13 frequentando, no qual foram escolhidos de forma aleatória.

Para levantamento das informações pretendidas, na presente pesquisa, foi elaborado um questionário e um roteiro de entrevistas dos quais constaram 15 questões, que se referiam ao perfil do aluno (seis questões) e ao significado do aprendizado da leitura e escrita (nove questões) (Anexo A). O questionário foi aplicado por mim, professora da Escola, de forma individual.

Além da revisão bibliográfica sobre a temática, foram utilizados documentos da escola para a contextualização do campo de estudo.

3 RESULTADOS

Os resultados apresentados a seguir enfocam os diferentes aspectos que foram levantados como base nos instrumentos metodológicos eleitos para conduzir a pesquisa, procurando contemplar os objetivos anteriormente indicados.

Para melhor explicação das informações, cada um dos temas que foram objeto dessa investigação foi organizado em tabelas e quadros, os quais serão analisados na sequência.

A trajetória escolar dos entrevistados é marcada pela necessidade de conciliar trabalho e escola. As tentativas de retornar à escola são marcadas pelas dificuldades em se manter no espaço escolar, como a falta de material, a incompreensão dos familiares, a elevada carga horária de trabalho, o cansaço, as preocupações, e a falta de saúde,

Nas falas da maioria dos educandos notei um sentimento de atribuir apenas à condição individual, de desistência ou fracasso, o fato de não terem concluído sua escolaridade (isso ocorre entre os adultos e os mais jovens também). Quanto aos alunos oriundos do trabalho na lavoura, ouvi as dificuldades relatadas em conseguir frequentar as aulas, quando crianças ou mesmo já adultos. Mesmo nos trabalhadores da cidade, diga-se, é comum ouvir que cedo tiveram que trabalhar para ajudar no sustento da casa e não conseguiram conciliar a escola com a atividade profissional.

No caso das mulheres, há ainda outro agravante, que é a dupla jornada, pois elas têm a responsabilidade da organização da casa e do cuidado com os filhos, além do trabalho fora, e o fato dos pais ou maridos não deixarem ou não facilitarem sua vinda à escola. No caso dos mais jovens, há problema também com o trabalho, na maioria das vezes informal, com “bicos”, realidade também enfrentada pelos mais velhos.

Além dos problemas com o trabalho, os jovens também enfrentam outra realidade: a ausência de perspectiva de trabalho.

Contingentes de jovens que ingressam cedo no mercado de trabalho sofrem prejuízos em seu percurso escolar e seria muito mais interessante se pudessem primeiro concluir seus estudos.

Isso não quer dizer que não devam ter contato com o mundo do trabalho, mas não necessariamente inserir-se no mercado de trabalho, em condições geralmente precárias.

Uma formação básica concluída, aliada a uma orientação para o trabalho, pode propiciar aos jovens iniciar uma trajetória profissional em condições menos precárias, além de terem a possibilidade de terem maior acesso aos diferentes conhecimentos. Mas o que fazer

diante de uma situação de dificuldades financeiras vividas pelas famílias de baixa renda, a maior usuária dos serviços de *educação de jovens e adultos*? Daí a necessidade das políticas de educação caminharem juntas com as políticas de emprego e trabalho, o que possibilitaria que esses jovens vivenciassem situações menos precárias em seus núcleos familiares, facilitando-lhes a conclusão dos estudos.

Os jovens vivem um dilema que é, ao mesmo tempo, conciliar o trabalho com o estudo e necessitar do estudo para o trabalho.

Compreender as relações que o jovem e o adulto estabelecem com o conhecimento é afirmar que o mesmo encontra-se imerso em um espaço propiciador de aprendizagens e que estas relações definem e são definidoras de sua vida cotidiana: nas situações familiares, sociais e de trabalho.

Este espaço escolarizado ao qual agora têm acesso é um propiciador de conhecimentos capaz de ajudá-los a se posicionar como sujeitos nessas relações.

Eu era uma pessoa que não tinha uma estima a mais a pensar no meu futuro, sempre eu pensava como eu vou ser no dia do amanhã, mas sempre pensando no de, melhor, pensando em ser um cidadão informado (M., 26 anos).

Este posicionar-se enquanto sujeito, transcende e integra a perspectiva política, preconizada por Freire (1991), ampliando a compreensão deste sujeito como inscrito em um determinado grupo cultural, jovens e adultos trabalhadores, inseridos no mundo do trabalho e de relações interpessoais, trazendo consigo “[...] experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas” (OLIVEIRA, 2001, p.18).

Eu decidi voltar para a escola, para que os outros parassem de me chamar de burro. Agora eu já sei ler um pouco e já pego ônibus sozinho (M., 19 anos).

Aqui na escola eu fiz amigos. Dou risadas com eles e aqui eu me sinto bem (M., 29 anos).

Os estudos de Oliveira e Moura (1999) salientam o fato dos adultos estarem imersos em espaços sociais, portanto, espaços propiciadores de aprendizagem. Estes espaços impõem a estes sujeitos inúmeros desafios cotidianos que necessitam ser resolvidos sob uma base cognitiva.

Fonseca (2001, p.25) argumenta que para o adulto:

[...] pensar sobre o que pensa e sobre como pensar e falar sobre esse pensar, como forma não apenas de comunicar esse pensamento, mas de dar-lhe forma, critério razão e importância social, é mais do que um exercício cognitivo individual: é uma ação social é a conquista da perspectiva coletiva de um fazer antes solitário e que quer tornar-se comunitário nessa oportunidade – talvez única provavelmente rara – de conhecimento solitário que a escola lhe pode proporcionar.

Observei que os jovens e adultos atribuem ao espaço escolar como não sendo somente um espaço de aprendizagem, mas também de trocas, relatos e escutas. Para tal, baseamo-nos nas contribuições teóricas de Fonseca (2002), Dayrell (2001), Charlot (2000), na expectativa de avançar na compreensão destes sujeitos como sujeitos culturais, que se produzem e são produzidos em suas experiências diversas.

Nesta concepção, o espaço escolar assume um papel essencial, já que o consideramos um espaço onde emergem os significados e onde os sujeitos em processo de interação trocam, constroem e reconstróem significados.

O significado que emerge da observação é a construção deste espaço como um espaço de interação, trocas, e relações de solidariedade. Os alunos buscam ajudar-se mutuamente, interagem entre si contam sobre a família e desabafam os seus problemas. Quando produzindo suas escritas envolvem-se em expectativas de realização fazendo associações com letras de outras palavras, nas escritas da sala de aula e idéias sobre aquele assunto.

Neste sentido, Jolibert (1994) afirma que o ato de escrever deve se concretizar em uma atmosfera que traduza o prazer de escrever:

Prazer em inventar, de descobrir um texto, prazer de compreender como ele funciona, prazer de vencer as dificuldades, prazer de encontrar o tipo de escrita e as formulações mais adequadas à situação, prazer de progredir, prazer da tarefa levada até o fim, do texto bem apresentado (JOLIBERT, 1994, p.16).

É preciso organizar o trabalho educativo para que os alunos experimentem, vivenciem a prática educativa de produção de textos na sala de aula. Assim, acredito que o aluno venha ter condições de desenvolver o seu potencial crítico reflexivo, criativo e o respeito pelas opiniões dos outros.

Observo que, mesmo quando centro a aula em atividades individuais, as trocas de idéias e sugestões a respeito de problemas particulares acontecem o tempo inteiro em que permanecem na sala de aula, com isso preciso pontuar frequentemente as atividades de leitura e escrita para que não predomine os relatos de fatos e dificuldades das mais variadas.

A preocupação com os colegas que não estavam frequentando, com os problemas dos mesmos, e a troca de telefones marca este espaço de afeto, cumplicidade e solidariedade construídos pelos alunos e reafirmados por mim como cumplicidade no ato de aprender e ensinar.

Para compreender melhor quem são estes sujeitos com os quais atuo, tracei um perfil da turma para qualificar as análises sobre o impacto do processo educativo em suas vidas. A seguir, registro algumas das principais observações sobre os dados gerais coletados.

Tabela 1 – Perfil dos Educandos

Nº.	Sexo	Idade	Raça/etnia/cor	Estudaram antes	Estado civil	Profissão	Região origem
1	M	15	Parda	Sim	Solteiro	Estudante	Canoas
2	M	42	Branca	Sim	Solteiro	Oper. de rolo compressor	Santa Maria
3	M	51	Branca	Sim	Casado	Catador	Canoas
4	M	21	Preta	Não	Solteiro	Soldador	Pântano Grande
5	M	30	Branca	Não	Solteiro	Empacotador	Nonoai
6	M	53	Branca	Sim	Casado	Pintor	Ronda Alta
7	F	33	Preta	Não	Casada	Cuidadora idosa	Rio Pardo
8	M	45	Preta	Sim	Casado	Serviços Gerais	Canoas
9	F	36	Branca	Sim	Solteira	Do lar	Canoas
10	F	58	Preta	Sim	Viúva	Do lar	Canoas
11	F	50	Indígena	Não	solteira	Do lar	São Luiz Gonzaga

Fonte: autoria própria.

Dos onze alunos entrevistados, 36% deles são do sexo feminino e 64% do sexo masculino, conforme representado no gráfico n°. 1.

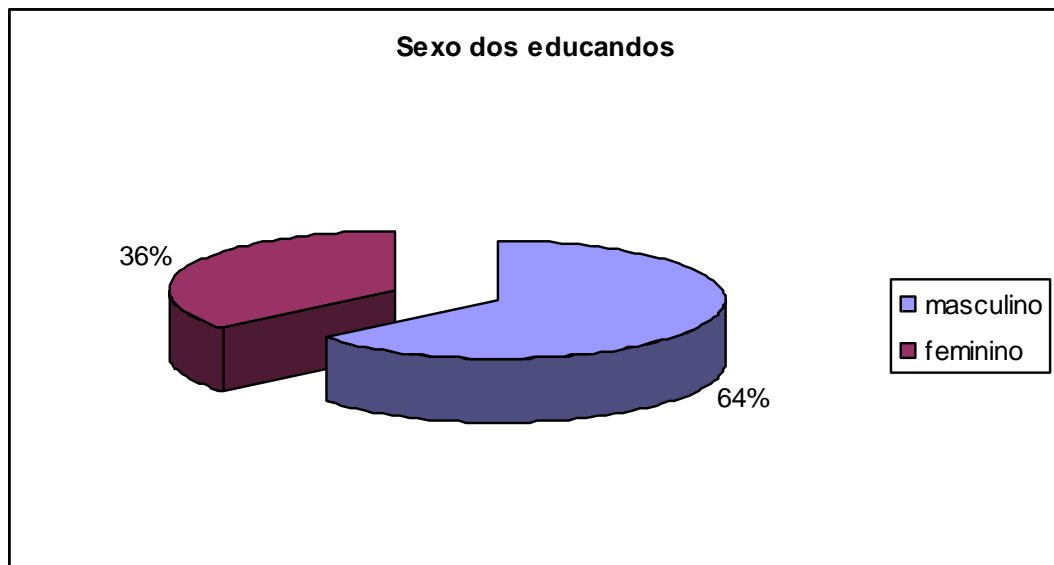


Figura 6 - Gráfico do sexo dos estudantes

No que se refere à idade dos alunos, o percentual maior está na faixa etária entre 42 e 53 anos de idade.

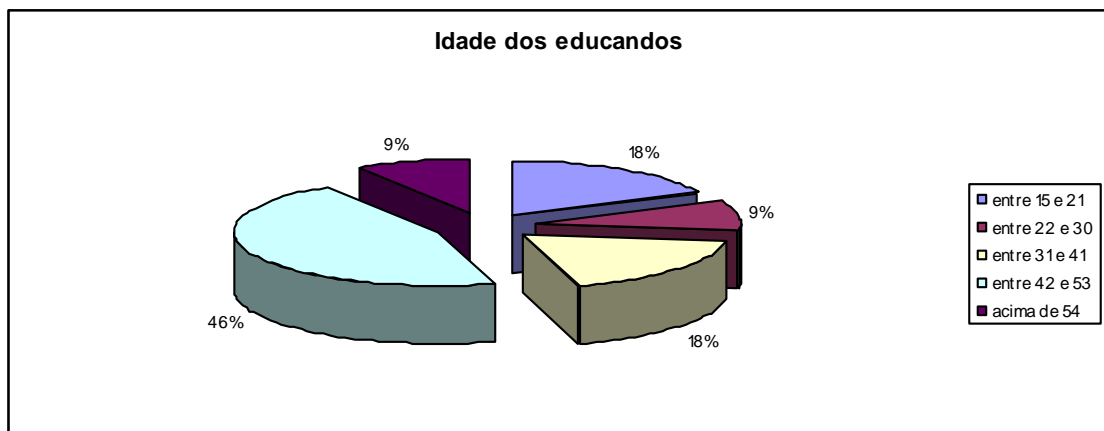


Figura 7 - Gráfico da idade dos educandos

Observando o gráfico nº. 3, percebe-se que a maioria dos alunos se diz solteira (64%). No entanto, em conversas informais eles relatam que possuem um (a) companheiro (a).

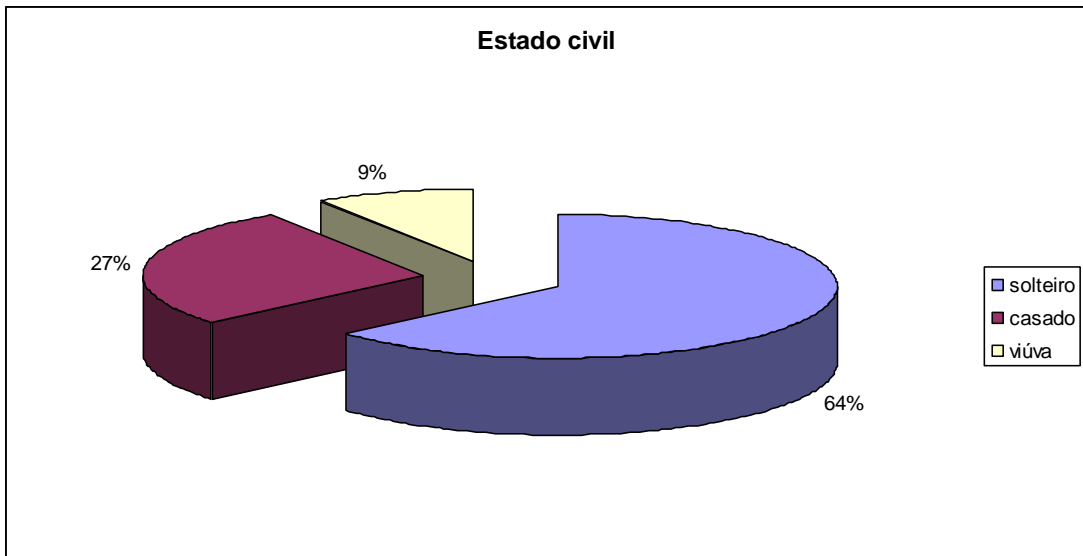


Figura 8 - Gráfico do estado civil

Quanto à raça, a maioria (46%) é de cor branca, seguido de 36% de pessoas de cor preta.

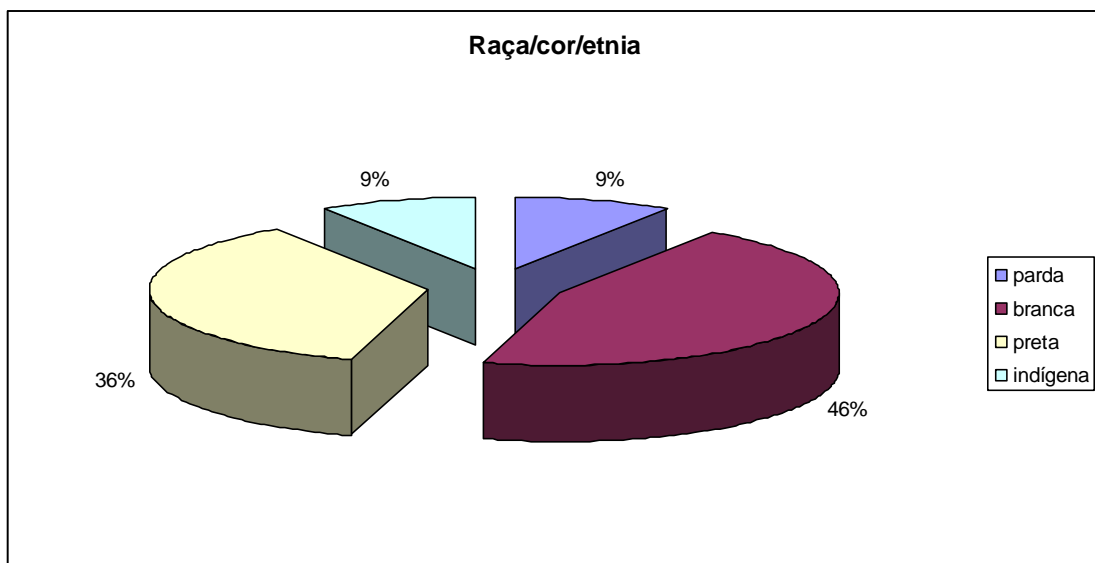


Figura 9 - Gráfico da raça/cor/etnia

No que se referem às ocupações profissionais, essas são diversas, sendo que as alunas entrevistadas manifestaram que são do lar, o que significa não trabalhar fora.

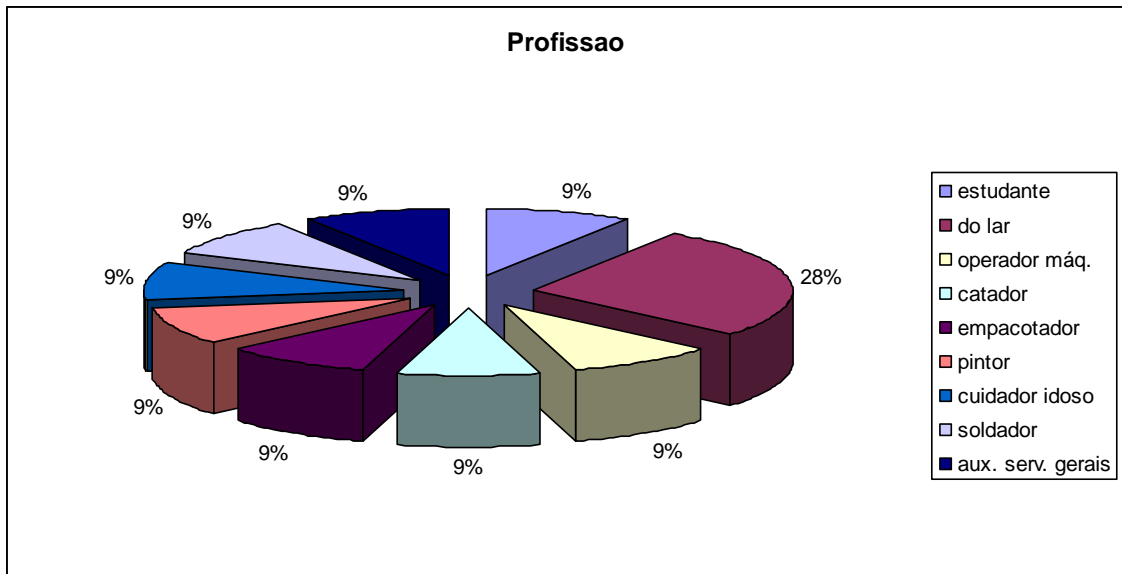


Figura 10 - Gráfico da profissão

Na questão de terem estudado antes, 64% deles, manifestou que sim.

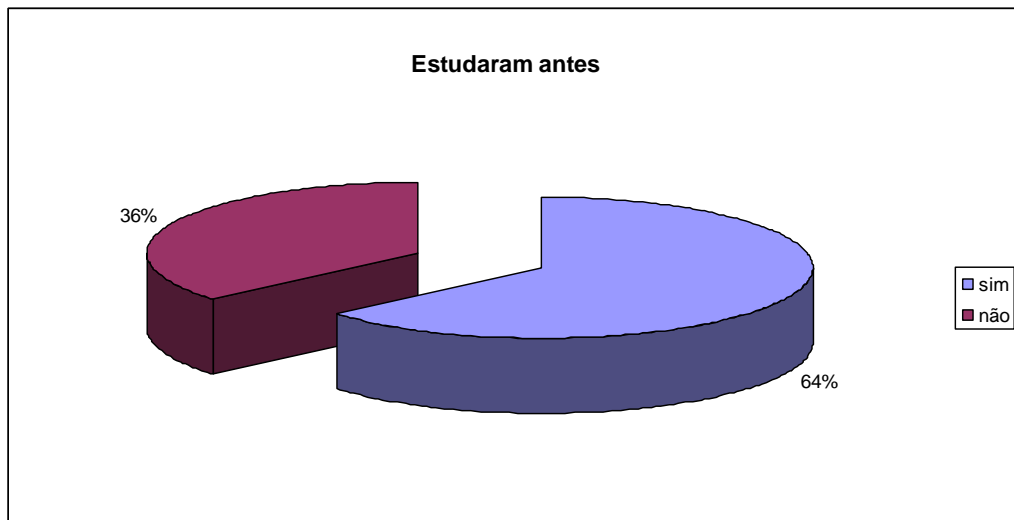


Figura 11- Gráfico se estudaram antes

A maioria dos estudantes entrevistados para este estudo relatou que veio de outra cidade, por diversos motivos: melhoria de vida, para estudar, arrumar um emprego melhor.

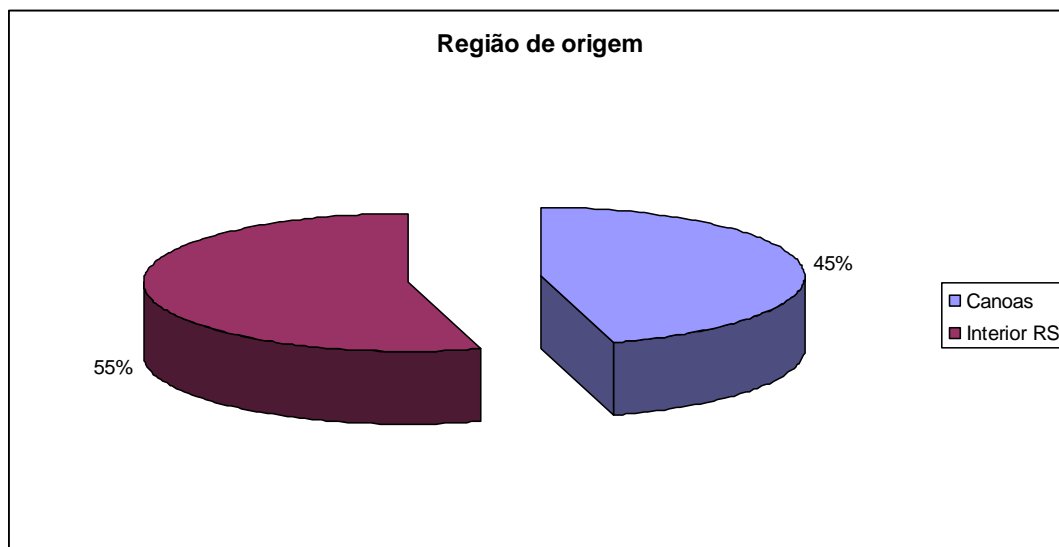


Figura 12 - Gráfico da região de origem

Para além dos dados quantitativos dos perfis dos estudantes foi necessário acrescentar um pouco de suas histórias e das falas que escuto durante o trabalho com eles, que nos fazem enxergar melhor quem são, porque estão na EJA e quais as relações da EJA com suas histórias.

Na sequência, transcrevem-se algumas falas dos alunos entrevistados:

- *Eu fui promovido na seção porque agora eu sei ler (46 anos) (M).*
- *Quero aprender a ler e escrever para as pessoas não gozarem mais de mim (15 anos) (M).*
- *Meu sonho é aprender a ler e escrever para escrever um livro sobre a minha vida (48 anos) (M).*
- *Eu não sei ler e escrever porque eu morava no mato (19 anos) (M).*
- *Preciso aprender a ler e escrever porque sou pai e mãe de seis filhos (53 anos) (M).*
- *Este ano o que aprendi já deu para não me apertar mais em pegar o ônibus sozinho (45 anos) (M).*
- *Já sei ler a lista de pedidos da Madeireira e então fui promovido este ano (45 anos) (M).*
- *Quando cheguei aqui, no primeiro dia tinha muito medo. Agora não consigo ficar em casa (36 anos) (F).*

Esta aluna chegou à Escola muito depressiva e debilitada ela é aidética, faz acompanhamento com vários especialistas. Ao entrar na sala de aula parecia um bichinho escorraçado. Agarrada ao seu companheiro mostrava-se totalmente dependente da sua companhia. Seu companheiro já alfabetizado pediu para ficar com ela, para que ela se sentisse mais protegida. Passado alguns meses, qual foi a minha surpresa quando seu companheiro o aluno (G) abraçado em mim entregou-me uma carta chorando, pois se viu obrigado a ficar em casa para cuidar da enteada, e ficar longe da professora seria insuportável.

A aluna hoje conversa e brinca com todos e já dispensa o seu companheiro com um largo sorriso. Percebo com isso que conseguiu ultrapassar seus medos através do vínculo afetivo que construiu comigo e a turma e nós para com ela.

Segundo Kamianecy e Silva (2005, p.83): “[...] Estar vinculado a alguém é o mesmo que estar ligado a alguém, ou seja, estar com uma pessoa com a qual se desenvolve um laço afetivo”. Através do vínculo, o processo de desenvolvimento pessoal e social do indivíduo se torna possível.

Na relação e na troca com o outro, ele pode construir e reconstruir suas possibilidades.

O desenvolvimento dos alunos depende também da qualidade dos vínculos estabelecidos com a professora e progressivamente, com todas as pessoas ao seu redor.

Tenho um grupo de alunos com capacidade de avançar, porém quando pretendo encorajá-los e elogiar suas produções de texto, para possível avanço de etapa eles respondem:

- Nãaaaao, professora, neeeeeem precisa se preocupar em faze ‘prova’ porque nós vamo faze tudo errado. A gente não qué passa de ano. A gente qué fica aqui com a senhora!

A repetição de insucessos leva estes adultos a tornarem-se inseguros, instáveis e ansiosos, apresentam geralmente sentimentos de subvalorização e fragilidade do auto-conceito.

O fracasso frequente leva também a sentimentos de exclusão, de rejeição e abandono que quando associados às altas expectativas pode conduzir à resistência, fobias e fugas diante das atividades educacionais, propondo assim ao seu inconsciente que fique onde está isto é, no espaço já conquistado e conhecido da sua sala de aula, onde se sente protegido, aceito e aconchegado. Espaço este que se apropria por considerar uma conquista sua. De acordo com La Taille (1990, p.7) “aprender é entrar em contato com o novo”.

Neste sentido, a continuidade da construção do conhecimento ocorre por meio de situações em que os alunos possam agir mostrar e suportar novos desafios. Isto me faz buscar

maior aperfeiçoamento, novos caminhos frente a situações difíceis, pois assumi a minha responsabilidade no desenvolvimento integral destes jovens e adultos que me foram confiados.

Quando eles passam a ser especiais, acontece à magia da afeição, sinto-me querida e os quero muito bem, não existe "tempo feio", nem situação que não possa ter uma solução. Olho os alunos mais difíceis como um desafio a ser conquistado, pois os tranquilos já o foram.

Acredito que é do vínculo afetivo que tiramos a paciência de repetir aquela explicação sobre o tema mais difícil, (sempre de uma forma diferente).

Recebi também este ano dois alunos de 15 e 16 anos vindo da casa lar. São dois adolescentes marcados pelo abandono, agressão, descaso e muita carência de afeto. Os alunos (M) e (S) têm comprometimentos sérios de saúde mental e por isso uma defasagem enorme no campo cognitivo e sensório-motor. O aluno (M) relata muitas vezes a vontade de ter uma família e quando levado a informática escreveu:

SOL UNA CRINAÇA Q FUI ABADADO POQE MUS PAIS NAU MI QISERÃO.

Esta atividade não é fácil, pois noto que eles não se dão o direito de errar tão pouco de mostrar que ainda não sabem utilizar a escrita de forma correta. Porém quando a ideia é tirada do contexto próprio fica mais oportuno.

De acordo com Silva (apud CORREA, 2000, p.130):

A tarefa de escrever um texto exige do aluno mais do que a capacidade de organizar sintaticamente os termos da frase e de respeitar as normas gramaticais. Anterior a qualquer ensaio referente à forma, existe sempre a preocupação de selecionar as ideias que deverão ser expressas em palavras. E isso nem sempre é fácil, pois o conteúdo do texto deve ser extraído do manancial de experiências e conhecimentos adquiridos durante a vida. Emitir determinada opinião, discorrer sobre um assunto ou expor as próprias concepções relativas a algum aspecto da realidade são demandas que extrapolam o ensino da regras, porque requerem uma elaboração individual que envolve fatores cognitivos e afetivos.

Em concordância com a autora acima citada, o fato de escrever não significa articular corretamente um sistema de regras ou conhecer profundamente a gramática de uma língua, escrever representa expor-se cognitivamente afetivamente.

A produção escrita exige do aluno um processo de escolha que se relaciona estreitamente com sua história, com seus princípios, com suas convicções.

Segundo Tapia e Fita (2003, p.98): "Não só é importante averiguar quais são os conceitos-base e as idéias prévias dos alunos, mas também interessa conhecer suas metas, motivações, interesses e expectativas".

É importante conhecer e classificar as diferentes motivações, gostos e preferências de nossos alunos e ver que tipo de tarefas, atividades ou jogos e também com isso os métodos adequados para os diferentes alunos e em diferentes situações.

O aluno (M) é um aluno que procura chamar a minha atenção só para si. O que causa às vezes conflito entre a turma que também aguarda a minha atenção. O aluno(S) é totalmente alheio a tudo e a todos, chega à maioria das vezes dopado de remédios para não surtar, (tem crises de esquizofrenia), e ficar muito agressivo.

Quando levado à informática percebi que responde ao colorido, desenhos e aos movimentos. Mostra possuir predominantemente a memória visual.

Abordando aspectos da constituição dos sujeitos jovens e adultos com deficiência mental, Carvalho (2004, p.143) aponta a infantilização de suas formas de ação, a desconsideração das suas experiências de vida, a negação dos seus esforços de participação social, a falta de reconhecimento das possibilidades de ação desses jovens e adultos como algo contingenciado pelas suas condições de vida.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NAS ENTREVISTAS

Os entrevistados, alunos da EJA noturno, da classe de alfabetização, na idade entre 15 e 53 anos, são homens e mulheres (adultos e adolescentes), que, por vários motivos não tiveram a chance de estudar. Motivos estes como: necessidade de trabalhar na roça; falta de estímulo da família; mudanças bruscas de endereços; doença; cuidar de casa; alcoolismo.

Estes alunos retornaram à escola por desejarem reconhecimento e melhoria em suas vidas, no campo profissional, social e afetivo. Buscam um lugar na sociedade que os excluiu e agora os força ao retorno do ensino formal para sobreviver de forma mais digna na sociedade letrada.

Quadro comparativo n. 1 - O que é ler?

Conceito do aluno	Quantidade
Atribuir sentido	4
Adquirir saberes	3
Decodificar	1
Socialização - reconhecimento	3

Observando as respostas dadas a respeito da leitura podemos concluir que:

- É significativa a presença da **leitura** como identidade de sujeito incluído na sociedade;
- Os depoimentos indicam que a leitura oferece “aprofundamento para atualização” em assuntos e acontecimentos diversos, mas também, para aprofundar conhecimentos em determinadas “áreas e assuntos”;
- A leitura é capaz de aperfeiçoar a linguagem escrita além de oferecer a possibilidade de distração;
- É forte a ideia de utilidade da escrita para a ampliação e aprimoramento de conhecimentos;
- Existe a crença de que aprender a ler desencadeia um processo de aquisição de conhecimentos e os argumentos utilizados para a defesa da necessidade de aprender a ler, quase todos, estão vinculados à ideia de que é necessário saber para ter poder, reconhecimento, respeito e oportunidade.

Como diz Paulo Freire (apud BARRETO, 2003, p.77): “O ato de aprender a ler e a escrever começa a partir de uma compreensão abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra”.

Quadro comparativo n. 2 – O que é escrever?

Conceito do aluno	Quantidade
Expressão – comunicação	3
Autonomia	3
Codificar	6

Observando as respostas dadas a respeito da **escrita**, podemos concluir que:

- É preponderante o conceito funcional de escrita, mencionada como a encontrada em impressos como jornais, revistas e livros que registram acontecimentos e conhecimento;
- A escrita também foi mencionada como capaz de organizar o pensamento e como importante para a memória através de anotações;
- Ainda em grande número há igualmente o conceito de escrita como codificação;
- É forte também a crença de que a escrita oportuniza a elevação em vários setores sociais e profissionais.

Hoje, como ontem, as posições de Paulo Freire com respeito à busca de novas práticas educativas ganham força e nos levam a refletir quando ele se refere à alfabetização da seguinte forma:

A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico-linguístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sociocultural, política e técnica (FREIRE, 1996, p.60).

O conceito de alfabetização muda com o passar do tempo, a cada período da história surge uma nova concepção para atender a um determinado paradigma educacional. Hoje, com a busca de novos paradigmas, várias tendências influenciam as práticas pedagógicas dos professores. Dessa forma, o alfabetizador deve possuir uma boa bagagem teórica para poder adequar o melhor método às necessidades de seus alunos.

Por meio, da escrita, da leitura e do cálculo escolar, os indivíduos alfabetizados aprendem a conhecer-se, conhecer os outros e assimilarem valores e atitudes a serem utilizados de uma determinada forma em uma sociedade alfabetizada. Nesse sentido, alfabetizar é conduzir condutas de indivíduos e populações. Alfabetizar é exercer ações sobre si mesmo e sobre as ações dos outros, para governar. Alfabetizar é um exercício de poder. Esse poder não está centralizado em uma pessoa, que não é uno, nem repressivo, mas que articula com o saber, é produtivo, multifacetado e relacional.

Como professora alfabetizadora, vejo a alfabetização sendo feita a cada dia mediante os fatos e acontecimentos que implicam na vida de todos nós e que somos responsáveis direta ou indiretamente em suas melhorias, pensando, também no bem estar coletivo.

Muito recentemente, poucos tiveram acesso ao aprendizado e aos benefícios do conhecimento, muitos ficaram excluídos dos avanços científicos, sociais, numa sociedade elitista que, através de mecanismos autoritários, forças físicas e filosóficas, para a manutenção

do poder financeiro, social, político, nega a tantos até mesmo o direito de sonhar e de sentir-se capaz de construir seu mundo, sua palavra, sua vida, seu ambiente com dignidade.

Neste contexto, encontramos muitos brasileiros, analfabetos sem vez e voz nas decisões, que muitas vezes são tomadas nos palácios, nas escolas, nas atividades produtivas, na sociedade.

Resgatar esse menino, menina, jovem, adulto, idoso para uma vida livre do analfabetismo e outras barreiras impostas, vem a ser um dos primeiros desafios a ser conseguido por um educador, que deve construir seu planejamento com a participação dos alfabetizando.

Sobre este assunto, Pulino e Barbato (2004, p.70) comentam o seguinte:

As ações em sala de aula devem contar com um professor que não resolve problemas para seus alunos, mas lhes apresenta ferramentas para que eles construam suas próprias estratégias de ação e desenvolvam uma autonomia compatível com seu estágio de desenvolvimento.

Pulino e Barbato (2001, p. 89) argumentam ainda que:

A escrita é fundamental para proporcionar uma maior sistematização do conhecimento, facilitando o acesso dos sujeitos a outros tipos de discurso e, portanto, a uma gama, cada vez maior, de conhecimento.

Por meio da leitura e da escrita, o aluno adentra novos mundos simbólicos, acessa novos conhecimentos e se torna mais autônomo. É esse sistema de novas relações com o mundo e consigo mesmo que propicia as transformações no pensar e no fazer de cada um.

Nos últimos 30 anos, estivemos refinando nossas concepções de alfabetização e passamos a utilizar um novo conceito: o de *letramento*. Segundo o *Dicionário Houaiss* (2001), *letramento* é um “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”. Como apontado por Soares (1998), o termo *letramento* é a versão para o português da palavra *literacy*, da língua inglesa, que significa *o estado ou a condição que assume aquele que aprende a ler e escrever*.

É importante destacar que a palavra *literacy* designa todo o complexo processo de alfabetização. No Brasil, no entanto, o termo *letramento* não substituiu a palavra *alfabetização*, mas aparece associado a ela.

Soares (2003) faz uma distinção entre os termos *alfabetização* e *letramento*. Para essa autora, o primeiro termo corresponde ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia, a

escrita alfabética e as habilidades de utilizá-la para ler e para escrever. Já *letramento* relaciona-se ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita.

Apesar de termos vivido um amplo debate, nas duas últimas décadas, sobre o ensino e a aprendizagem da língua escrita, observamos que, em muitas escolas públicas e particulares de nosso país, ainda se continua praticando um ensino de alfabetização limitado a cartilhas e “métodos”. Tal como apontaram Moura e Moraes (2001), mesmo trazendo para a sala de aula textos de circulação social (notícias, letras de músicas, textos literários, etc.), muitos professores de EJA continuam praticando um ensino do sistema de escrita baseado no tradicional “método silábico” de alfabetização. Muitas vezes, cria-se uma evidente contradição: lêem-se e escrevem-se textos interessantes, mas o ensino da escrita alfabética não muda.

Os professores desejam que o aluno seja “sujeito” de sua aprendizagem, que ele aprenda refletindo e construindo sua compreensão, mas propõem, no dia-a-dia, tarefas essencialmente mecânicas, como a cópia a junção e separação de sílabas. Precisamos formar cidadãos letrados: Ajudar o aprendiz a apropriar-se dos usos, das finalidades e das características dos textos escritos.

As atuais concepções de *letramento* e *alfabetização* se distanciam muito do que entendíamos, até bem pouco tempo, sobre o que significava “estar alfabetizado”. Sabemos hoje que o efetivo exercício da leitura e da escrita pressupõe muito mais que ser capaz de ler e escrever um bilhete simples, critério usado por órgãos oficiais para fazer censos educacionais até os anos 1970.

Entendemos que o domínio da escrita alfabética é um conhecimento necessário para que alguém seja, de fato, cidadão letrado. Mas temos clareza de que aquele conhecimento não dá conta do aprendizado dos diferentes gêneros textuais e de suas funções e seus usos no cotidiano.

Ante essas constatações, sabemos que a conquista de um nível mínimo de letramento pressupõe oportunidades de uso, reflexão e domínio das propriedades dos diferentes textos que circulam socialmente. Isso exige uma escolarização que não se esgota em um ano letivo. A grande questão é: como ajudar o aprendiz a apropriar-se da linguagem que se usa ao escrever e dos usos e das finalidades da língua escrita?

A condição de sujeito letrado se constrói nas experiências culturais com práticas de leitura e escrita que os indivíduos têm oportunidade de viver, mesmo antes de começar sua educação formal.

Sabemos que crianças que vivem em ambientes letrados não só se motivam precocemente para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a poder *refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e suas finalidades*. Disso deriva uma implicação pedagógica fundamental: para reduzir as diferenças sociais, a escola precisa assegurar a todos os alunos - diariamente - a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados.

Democratizar o acesso ao mundo letrado não significa encher a sala de aula de recortes de jornal, rótulos, embalagens, cartazes publicitários e colocar livros numa estante. Pressupõe isto sim, que o aprendiz possa vivenciar, no cotidiano escolar, situações em que textos são lidos e escritos porque atendem a uma determinada finalidade.

Essa finalidade pode ser a busca de puro prazer, de informação para alcançar uma meta, a necessidade de registrar algo que não pode ser esquecido.

Mas trata-se de ler e produzir textos! Nada de usar a apresentação de textos como pretexto para memorizar letras ou sílabas soltas.

Ante a perspectiva de que é preciso expor o aprendiz ao mundo dos textos, alguns educadores (e pesquisadores!) passaram, infelizmente, a achar que os alunos se alfabetizariam “espontaneamente”, sem uma ajuda sistemática para se apropriar do sistema alfabético. Se esse “alfabetizar-se sem ser ensinado” ocorre com alguns poucos indivíduos, obviamente não caracteriza a trajetória da maioria dos alunos, independentemente do grupo sociocultural em que nasceram.

É importante aproveitar as oportunidades para fornecer, desde cedo, uma ajuda sistemática que propicie ao aprendiz interagir com a língua numa perspectiva reflexiva. As pesquisas da psicogênese da escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985; FERREIRO, 1985) já demonstraram que as “habilidades psicomotoras e perceptivas” (coordenação motora, discriminações auditiva e visual, etc.) têm um papel secundário no aprendizado do sistema de escrita alfabética.

Se afirmarmos que ler não é decodificar, é porque a escrita alfabética não é um código, mas um sistema notacional. Qualquer aprendiz de uma escrita alfabética, criança ou adulto, para aprender as convenções daquele sistema (aí incluídas as relações letra-som), precisará dar conta de uma tarefa conceitual: compreender como o sistema funciona (FERREIRO, 1985). Isso pressupõe desvendar dois enigmas básicos: descobrir o que a escrita nota (ou “representa”) e descobrir como a escrita cria essas notações (ou “representações”).

Leda Tfouni, em sua obra “Letramento e alfabetização” (1995), procura explicitar algumas concepções de alfabetização e de letramento. Segundo a autora, os estudos sobre

letramento procuram examinar não somente as pessoas que adquiriram a tecnologia do ler e escrever, portanto alfabetizadas, como também aquelas que não adquiriram essa tecnologia, sendo elas consideradas “analfabetas”.

Assim sendo, entendemos que os pesquisadores que contemplam os estudos sobre letramento precisam voltar seus olhares investigativos para as comunidades que sofrem “tímida” e “marginalmente”, os efeitos do letramento, procurando descrever e compreender, entre outras dimensões do estudo, quais os domínios sociais de letramento mais influentes e quais os eventos de letramento e de oralidade que são mais comuns nessas comunidades.

Portanto, é importante que haja uma preparação deste aluno, tanto para trabalhar com as novas tecnologias de produção, quanto para o exercício da cidadania. A qualidade do trabalho do professor se mede pela qualidade do trabalho ao qual ele conduz seus alunos e o mais importante, é saber fazer com que estes trabalhem realmente na construção de seus conhecimentos. Para avançarmos numa real reflexão que tenha conseqüências políticas, sociais e pedagógicas temos que pensar a educação a partir da qualidade formal conjugada a qualidade política. A primeira nos ajuda a pensar os instrumentos e métodos; os outros as finalidades e os conteúdos.

É preciso ser honesto e perceber que um aluno trabalhador, principalmente de uma comunidade carente, não tem condição nenhuma de estudar os mesmos conteúdos que um aluno do ensino regular, geralmente oriundo da classe média ou alta, em tempo integral e em condições totalmente favoráveis. Por que então continuar com o mesmo currículo, considerando: 1. que o aluno adulto ou trabalhador prepara-se para o mercado ou para se manter no mercado; 2. que este aluno deseja melhorar de vida no sentido sócio-econômico e por isso visa estar apto a realizar os diversos concursos existentes no mercado; 3. que, enquanto trabalhador, este aluno dispõe de tempo reduzido para ampliar ou aprofundar os conceitos apreendidos durante a aula propriamente dita; 4. que, na maioria das vezes, esse aluno chega cansado à sala de aula e, ser obrigado a estudar ou estar atento a conteúdos que não lhe dizem respeito, que pouca utilidade terão concretamente em sua vida, é uma tarefa mais que árdua, é praticamente impossível; 5 que, mesmo quando este aluno pensa em dar continuidade à sua formação, dificilmente pensa em uma faculdade e sim num curso politécnico que lhe capacite de forma mais rápida e eficiente para a atuação no mercado?

Considerando todos estes pontos, pensamos que currículo seria essencial a este alunado? Que currículo seria capaz de prepará-lo para a vida prática e imediata e ao mesmo tempo, formá-lo enquanto cidadão no seu exercício pleno de reflexão crítica político-social?

Enfim, educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional que vai muito além de um processo mecânico.

CONCLUSÃO

A trajetória escolar dos entrevistados é marcada pela necessidade de conciliar trabalho e escola. As tentativas de retornar à escola são marcadas pelas dificuldades em se manter no espaço escolar, como a falta de material, a incompreensão dos familiares, a elevada carga horária de trabalho, o cansaço, as preocupações, e a falta de saúde.

Visto que a sociedade de hoje é uma sociedade grafocêntrica, não basta ao indivíduo ser simplesmente alfabetizado, ou seja, aprender meramente a decodificar. Faz-se necessário que o mesmo seja também letrado para exercer as práticas sociais de leitura e escrita nesta sociedade. Percebo que tudo o que já foi feito ainda é pouco e que muita teoria e discussão não foram suficientes para mudar as estatísticas.

O professor alfabetizador precisa, verdadeiramente, conscientizar-se e valorizar-se, pois somente quando ele tiver plena consciência de sua importância na formação do educando em seu exercício das práticas sociais de leitura e escrita na sociedade em que vive, é que irá romper com paradigmas tradicionais e perceber que não basta somente alfabetizar. Atualmente, os nossos alunos necessitam de um processo de aprendizagem que focalize o alfabetizar letrando.

Enquanto não houver uma ação significativa, um investimento na formação do professor alfabetizador e sua real valorização, as estatísticas continuarão gritando e retratando o que encontramos em nossas escolas alunos que passam de ano sem estarem alfabetizados e letrados.

Aprender a ler e escrever para os jovens e adultos significa comunicar-se melhor, aumentar a auto-estima, aumentar o desempenho profissional, interagir com a cultura e ter outra visão da vida e do mundo.

Considerando o exposto até este momento, acredito que os programas de alfabetização de jovens e adultos devem ancorar-se nas necessidades de seus educando, para isso, é necessário saber quem são eles, de onde vem e qual o significado que conferem à leitura e à escrita, e das necessidades destas no seu cotidiano.

Dessa forma, o trabalho propiciou um espaço de reflexão e aprendizado para mim, como professora alfabetizadora.

Percebi que a busca pelo aprender a ler e escrever para os jovens e adultos, é sem dúvida muito importante, mas as dificuldades econômicas e sociais os levam a optar muitas

vezes por desistir da Escola, ou faltar significativamente, para que possam ao menos tentar amenizar seus problemas, que sem dúvida, não são pequenos e os maltratam demais.

Percebi também, que este aluno valoriza o espaço escolar como sendo muitas vezes o único de escuta no qual o enxerga verdadeiramente como uma pessoa importante, que traz consigo marcas que podem ser vistas como experiências, servindo de trocas de saberes, importâncias e amizades. Para tal o desenvolvimento da pesquisa investigativa incentiva a busca e a construção de um conhecimento por meio de investigação de temas, interagindo com os conhecimentos prévios dos alunos.

Refleti sobre o quanto é importante para o adulto aprender a ler e escrever e estar no espaço da sala de aula. Proporcionou-me também, refletir sobre o meu papel como professora alfabetizadora e o quanto a leitura e a escrita se faz importante na vida do adulto uma vez que está presente em todos os contingentes de nossa sociedade.

Nas conversas com os alunos e nas leituras feitas a respeito dos autores mencionados neste trabalho, pude confirmar mais uma vez que alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever. Segundo Ferreiro (2002, p.27):

É formar seres humano críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoria de outros.

Por isso, acredito que o desafio do professor é o de promover a descoberta e a utilização da escrita como instrumento de reflexão sobre o próprio pensamento, como recurso para organizar e reorganizar o próprio conhecimento, em vez de manter os alunos na crença de que a escrita é somente um meio para reproduzir passivamente, ou para assumir sem reinterpretar o pensamento dos outros.

A atribuição das escolas e dos profissionais da educação vem mudando ao longo do tempo e busca agora garantir a interação dos estudantes com a sociedade em que vivem.

Enfim, “Ser alfabetizado é ser inserido numa sociedade de forma a poder atuar sobre ela e com ela. Hoje, saber ler e escrever tem se revelado condição insuficiente para atuar na sociedade” (FREIRE, 1996).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BRITTO, Luiz Percival CANOAS. **Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guajuviras**. Canoas, 2009.

CHARLOT, Bernard: Ensinar com significado para mobilizar os alunos. **Revista Nova Escolar**, n. 223, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/bernard-charlot-ensinar-significado-mobilizar-alunos-476454.shtml>>. Acesso em jun. 2011.

_____. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAYRELL, Juarez (org). **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DEMO, Pedro. **O porvir: desafios da linguagem do século XXI**. Curitiba, PR: Ibepex, 2007.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1996.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2001.

GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.3, mai./jun. 1995 b, p. 20-29.

JOLIBERT, Josett. **Formando crianças produtoras de texto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LA TAILLE, Yves et al. **Piaget, Vygostsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 13.ed. São Paulo Summus, 1992.

MOURA, D. C., MORAIS, A G. O sistema de notação alfabética: concepções e práticas de ensino dos docentes da alfabetização de jovens e adultos *In: Anais do XV EPENN - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste*, 2001, São Luís.

PULINO, Lucia Helena Cavasin Zabotto e BARBATO, Silviane. **As Teorias Psicogenéticas de Jean Piaget e Henri Wallon**. CEAD UnB, Brasília 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Ática, 1998.

TAPIA, José Alonso; FITA, Enrique Caturba. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

TEBEROSKY, Ana, COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e a Escrever**. Porto Alegre, Artmed, 2003.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

ANEXO A - Questionário aplicado aos alunos**IDENTIFICAÇÃO:**

Sexo () Idade ()

Profissão: _____

Região de origem: _____

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

() branca () preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

Já estudou antes? () sim () não

1. Por que não estudou mais ou parou de estudar?

2. Por que você quer voltar a estudar?

3. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê?

4. O que você considera mais fácil aprender?

5. O que você considera mais difícil aprender?

6. Qual a razão pela que quer aprender a ler?

7. O que é escrever?

8. O que é ler?

ANEXO B - TRABALHO DOS ALUNOS

QUERIDA PROFESSORA MÃE
 ESCREVO ESTAS PALAVRAS PARA
 DIZER QUE EU FICO PENSANDO
 QUANDO ERA MOLEQUE TINHA
 UMA PROFESSORA IGUAL A
 SENHORA PORISÓ EU GOSTO MUITO
 DA SENHORA FAZIA BAGUNÇA
 NA ESCOLA ELA NUNCA FALAVA
 NADA NO MEU TEMPO NUNCA
 ELA OIAVA O MEUS TEMAS
 IGUAL A SENHORA SEMPRE
 TIRAVA NOTAS BOAS QUEBRAVA
 OS VIDRAÇAS DA JANELAS DO
 COLEGIO ELA NUNCA ME
 DAVA GASTIGO SE ELA BOTAVA
 DE GASTIGO EU SAI PARA
 O RECREIO OU ENTRAR PARA
 A SALA DE AULA ELE SEMPRE
 TINHA SURPRESA NO QUADRO
 NEGRA EU ESCREVI PARA
 ELA QUE ERA IGUAL A
 MINHA MÃE NUNCA LEVEI
 BIHETE POR CASO QUANDO
 TRACAVA DE PROFESSORA
 ERA PIOR EU BRIGAVA COM
 OS COLLEGAS DA SALA DE AULA
 NA SEXTA SERIA EU SÓ
 BRICAVA

Carta escrita pelo aluno G

| |
 □ □ □ □ □ □ □
 S T Q Q S S D

SA ESCOLAS É BOM É TER ACOIIMETO
 PARATODUS A UNIOO AMOR É CARO QUE
 NUFAZE FELIS É NUOA A E DUCAÇÃO
 PARATODUS IGUAL A FABETIZASOOS
 É MELH SALARIO PARA O PROFESSOR

ESCOLA PARA TODOS | |
 NESTA ESCOLA QUE É PARA TODOS AMIGO DE
 TODOS DA ESCOLA SER AMIGO DA PROFESSORA
 É BRIGAR COM SAMIRO

ANEXO C – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA ESCOLA E DOS ALUNOS

Biblioteca



Alunos em atividade de produção textual

ANEXO D – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS ALUNOS

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (f) Idade: 58 Estado civil: viúva

Profissão: do lar

Região de origem: Canoas/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

() branca (x) preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes?

(x) sim () não

2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Na época estudavam até a 3ª série.

3. Por que você quer voltar a estudar? Sempre teve vontade de aprender. Não estudava por causa da doença do filho (hidrocefalia), voltou quando filho também começou a estudar.

4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Mais importante a matemática e o português.

5. O que você considera mais fácil aprender? Português.

6. O que você considera mais difícil aprender? Matemática.

7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? A leitura é boa para se expressar, ficar informada, ter poemas.

8. O que é escrever? Colocar os sentimentos no papel.

9. O que é ler? É importante para estar informada, ler e escrever corretamente. Também conversar com as pessoas.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (f) Idade: 36 – Estado civil: solteira

Profissão: do lar

Região de origem: Canoas/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

(x) branca () preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes? (x) sim () não

2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Separação dos pais. Teria que estudar em uma escola especial.

3. Por que você quer voltar a estudar? Sugestão do psicólogo.

4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Escrever, porque sem escrever a pessoa não é nada.

5. O que você considera mais fácil aprender? Leitura.

6. O que você considera mais difícil aprender? As continhas (matemática).

7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? Porque eu quero fazer curso de Informática e mostrar para o mundo que eu venci.

8. O que é escrever? É copiar um texto e estar aprendendo.

9. O que é ler? Lendo, pouco, mas me sinto vitoriosa.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (f) Idade: 41 anos Estado civil: separada

Profissão: do lar

Região de origem: Canoas/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

(x) branca () preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes? (x) sim () não até 3ª série, com 13 anos.

2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Pais separados, 5 irmãos. Precisou cuidar dos menores da casa.

3. Por que você quer voltar a estudar? Para poder escrever,. Apenas lê.

4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Tudo é importante. Precisa ler e escrever para ter conta no banco, fazer um cheque, enfim tudo depende de saber ler e escrever, principalmente para o emprego.

5. O que você considera mais fácil aprender? Leitura.

6. O que você considera mais difícil aprender? A matemática. Fazer texto.

7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? Lendo correto, possa escrever correto.

8. O que é escrever? Importante para tudo.

9. O que é ler? Para escrever tem que saber ler. A leitura aprimora a escrita.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (f) Idade: 33 anos Estado civil: casada (s/papel)

Profissão: cuidadora de idosa.

Região de origem: Quilombo/SC

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

() branca (x) preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes?

() sim (x) não

2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Trabalhava na roça.

3 Por que você quer voltar a estudar? Para aprender a s defender. Ler o que está a volta.

4 Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? A matemática: cálculos. Não sabia o significado dos números. Queria dividir, multiplicar e não conseguia.

5 O que você considera mais fácil aprender? Contas.

6 O que você considera mais difícil aprender? Produção de texto/interpretar.

7 Qual a razão pela que quer aprender a ler? Para entender melhor o mundo.

8 O que é escrever? É tudo. É liberdade.

9 O que é ler? Conhecer o mundo. Poder realizar sonhos.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (m) Idade: 53 anos Estado civil: casado

Profissão: pintor

Região de origem: Rio Pardo/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

branca preta parda indígena amarela outra Qual?

1. Já estudou antes? sim não
2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Precisei trabalhar sem horário para soltar.
3. Por que você quer voltar a estudar? Gostaria de aprender
4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Ler e escrever. Porque quem não saber ler e escrever é considerado cego.
5. O que você considera mais fácil aprender? As contas.
6. O que você considera mais difícil aprender? Ler e escrever.
7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? Juntar as sílabas e ler.
8. O que é escrever? E o interesse de aprender.
9. O que é ler? É abrir a mente; desenvolve a mente e dura mais tempo de vida.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (m) Idade: 30 anos Estado civil: solteiro

Profissão: setor embalagem

Região de origem: Nonoai – Ronda Alta/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

(x) branca () preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes? não

2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Precisava ajudar o pai no trabalho (é o filho mais velho).

3. Por que você quer voltar a estudar? Para mudar de profissão.

4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Escrever, ditado. Porque aprende mais rápido.

5. O que você considera mais fácil aprender? Ditado.

6. O que você considera mais difícil aprender? As contas

7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? Quero pegar um emprego bom. Sou muito novo ainda e quero casar um dia.

8. O que é escrever? É poder deixar alguma coisa escrita quando precisar. É saber usar as letras.

9. O que é ler? Saber o que está escrito.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (m) Idade: 21 Estado civil:

Profissão: soldador

Região de origem: Pântano Grande/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

() branca (x) preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes? não

2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Não tinha escola, morava no meio do mato.

3. Por que você quer voltar a estudar? Para poder arrumar um serviço melhor.

4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Continhas e a leitura. Porque vai facilitar a vida como: contar o salário, ler o cartão ponto.

5. O que você considera mais fácil aprender? Ler

6. O que você considera mais difícil aprender? Juntar as letras para copiar, acaba esquecendo alguma.

7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? Tenho medo de trocar alguma lata perigosa. Onde trabalho tem produtos que fazem mal.

8. O que é escrever? Juntar as letras certas sem esquecer.

9. O que é ler? Pegar o jornal e ler as notícias.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (m) Idade: 51 Estado civil:

Profissão: reciclagem

Região de origem: Canoas/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

(x) branca () preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes? sim
2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Parou de estudar quando criança, porque precisou cuidar da mãe.
3. Por que você quer voltar a estudar? Voltou a estudar para dar uma força para a esposa.
4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? A aprendizagem mais importante são as contas.
5. O que você considera mais fácil aprender? Ler e escrever.
6. O que você considera mais difícil aprender? Mais difícil de aprender são as contas.
7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? Para ficar por dentro das notícias que estão acontecendo no mundo.
8. O que é escrever? Juntar as palavras; saber conversar.
9. O que é ler? Leitura faz parte do ensino. Quem lê aprende mais.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (m) Idade: 42 Estado civil: solteiro

Profissão: Operador de rolo compressor

Região de origem: Santa Maria

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

(x) branca () preta () parda () indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes? Sim
2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Para ajudar a mãe, separada, cuidar os menores.
3. Por que você quer voltar a estudar? Voltou a estudar por necessidade, precisa tirar a carteira de motorista.
4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Português, porque quer aprender a ler e escrever.
5. O que você considera mais fácil aprender? Matemática, continhas.
6. O que você considera mais difícil aprender? Juntar silabas das palavras.
7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? Ter um futuro melhor (ex: um trabalho melhor).
8. O que é escrever? Conseguir juntar letras e ler.
9. O que é ler? Conseguir falar o que ta escrito.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (m) Idade: 15

Profissão: Massagista

Região de origem: Canoas/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

branca preta parda indígena amarela outra Qual?

1. Já estudou antes? Sim

2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Parou de estudar a dois anos atrás, motivo mudança para a casa onde esta atualmente.

3. Por que você quer voltar a estudar? Gosta de estudar, ficar com colegas e se manter ocupado e também pela ordem do juiz.

4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Educação física; pode se alongar, exercitar e harmonizar.

5. O que você considera mais fácil aprender? Português, principalmente a parte do teatro.

6. O que você considera mais difícil aprender? Matemática (tem que pensar muito).

7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? Porque as pessoas riem muito de mim, quer vencer essa barreira que me bloqueia.

8. O que é escrever? É tudo que a pessoa que pode querer nessa vida para ter uma letra bonita.

9. O que é ler? Ler pra mim, é tudo que uma pessoa pode querer.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo (f) Idade: 50 Estado civil: solteiro

Profissão: Do lar

Região de origem: São Luiz Gonzaga/RS

Raça/cor/etnia (autoidentificação):

() branca () preta () parda (x) indígena () amarela () outra Qual?

1. Já estudou antes? Não
2. Por que não estudou mais ou parou de estudar? Não tive oportunidade.
3. Por que você quer voltar a estudar? Porque a pessoa sem estudo não é nada; tem que ler o bilhete do filho, etc.
4. Para você, qual é a aprendizagem mais importante. Por quê? Ler, porque a leitura desenvolve a pessoa, se sente leve e solta.
5. O que você considera mais fácil aprender? Desenvolvimento na leitura.
6. O que você considera mais difícil aprender? Formação de texto.
7. Qual a razão pela que quer aprender a ler? A pessoa que se torna sabia, raciocina naquilo que vai fazer e dizer.
8. O que é escrever? Ter prazer de escrever tudo que aprendi dentro do colégio.
9. O que é ler? Ler é ter um espírito de viver. E ser alguém na vida e poder escrever um livro.